

## A ATUAL CRISE NA ARGENTINA

Miriam Beatriz Schneider Braun\*

**RESUMO:** A real compreensão das dimensões da crise da Argentina, passa por uma revisão de um processo histórico de “desindustrialização” que passa a ocorrer principalmente a partir dos anos 70, mas que tem origens em períodos anteriores a essa data.

No início do século a Argentina tinha renda *per capita* e padrões de vida iguais ou até melhores que países considerados desenvolvidos. Buenos Aires era a Segunda maior cidade do Atlântico, perdendo somente para Nova York. As exportações de carne refrigerada abasteciam a Europa e enriqueciam os fazendeiros Argentinos. Na sociedade Argentina, como nos demais países da América Latina, inclusive o Brasil, havia uma sociedade diversa. Conviviam dentro desta, a modernidade extrema e um imutável atraso. Sua indústria ainda era bastante incipiente e dependia basicamente das exportações e de investimentos estrangeiros. A indústria têxtil e metalúrgica usava materiais em sua maioria importados e a sobrevivência desta se baseava na manutenção de baixos preços nos fretes oceânicos. O pequeno mercado interno limitava o espaço para a tecnologia avançada e as economias de escala. Faltava à economia Argentina uma indústria de bens de capital. Até 1929 o crescimento se havia mantido e a Argentina era então o maior exportador do mundo de carne refrigerada, milho, linhaça e aveia, e o terceiro de trigo e farinha. Em 1930 havia 435.000 automóveis em toda a Argentina, um número substancialmente maior que em muitos países da Europa Ocidental, e um aumento de 7 vezes com relação 8 anos antes.

Com a chegada, uma vez mais de imigrantes, a população aumentou em quase quatro milhões entre 1914 e 1930, de 7,9 milhões para 11,6 milhões. A produção interna de petróleo teve um espetacular crescimento: de menos de 21.000 metros cúbicos de combustíveis derivados do petróleo em 1913 a 1,4 milhões de metros cúbicos em 1929.

Conduzidos pelo exército, “revolucionários” se adonaram do poder quando perderam o apoio popular dos radicais. Foi uma espécie de restauração conservadora. Durante toda a década de 1930-40, chamada “a década infame”, os conservadores fraudaram repetidamente as eleições para manter-se no poder. Mas também iniciaram uma reforma substancial, que os ajudou a abrir caminho com certo êxito econômico em meio a repressão. O produto interno bruto, que havia caído em 14% entre 1929 e 1932, se recuperou rapidamente: em 1939 foi quase 15% maior que em 1929 e 33% superior ao de 1932.

Em 1939, novas forças políticas tomaram forma, forças que os conservadores foram incapazes de controlar e que

finalmente os varreram. Em junho de 1943, eles também foram derrotados por um golpe de estado militar. Durante os regimes de fato dos Gen. Ramírez e Farrell, nos dois anos seguintes, pode-se afirmar que produziram mais mudanças políticas e de maior alcance que qualquer dos ocorridos desde os começos da década de 1860-70.

Ocorre um processo que deu origem a um grau muito maior de intervenção do governo na economia. Entre suas diversas conseqüências se contaram o rápido crescimento e diversificação da indústria e uma grande mudança social.

A guerra provocou mais mudanças na economia que todo o ciclo anterior, embora a participação do país na mesma tenha sido pequena. A Argentina perdeu grande parte de seus mercados e foi necessária muita habilidade interna para resolver os problemas que surgiam devido a diminuição das importações inclusive de petróleo.

As espetaculares mudanças na política Argentina durante a Segunda Guerra Mundial resultaram de uma completa interação entre as condições internas e externas: o declive das conexões européias da Argentina, e seu fracasso em conseguir uma ligação substituta com os Estados Unidos. Respaldados por um novo movimento cuja base se constituía de sindicatos e a classe trabalhadora urbana, os peronistas, lançados ao poder, formaram um programa de reforma social radical e de industrialização. Seu resultado foi a eleição de Juan Perón para a presidência em fevereiro de 1946.

Depois da queda de Perón, Argentina iniciou uma grande e infrutífera luta para sair do estancamento econômico que havia aparecido durante os anos 40. Mas o país não logrou recuperar a prosperidade e o crescimento; a inflação crônica e os repetidos ciclos de recessão e recuperação detiveram seu progresso até a industrialização.

Ao mesmo tempo, as divisões sociais e políticas se fizeram cada vez mais tensas e violentas; os sucessivos governos foram incapazes de impedir a progressiva decadência institucional. Sendo agora uma nação de segunda grandeza na América latina, a Argentina parecia incapaz de chegar a uma posição internacional estável ficou em grande medida alijada na comunidade internacional. O desemprego e o subemprego afetavam a todos os setores sociais, e o elevado nível de vida que havia distinguido a Argentina do restante da América Latina erodiu lentamente.

Durante os anos 60 e 70, somente 50% da população em idade escolar terminava a escola primária, uma proporção igual a cinquenta anos antes, e somente 22% terminava a escola secundária. Em 1970 um quinto ou mais da população vivia em favela: a população destas (chabolas) na capital se calculava em 750.000 e o dobro deste número na grande Buenos Aires. Uma vez mais não pode lograr uma ordem política consensual e instalou-se no país um estado de ponto morto. Com freqüência, uma regularidade fragilmente sincronizada vinculava a conduta da economia e o fluir cíclico da política;

a medida que a economia oscilava os regimes se sucediam.

Com a criação da comunidade econômica européia, que visava a própria auto suficiência a Argentina se viu obrigada a modificar seu protecionismo que incluía taxas alfandegárias móveis que eram sensíveis as variações dos preços agrícolas dos países membros da comunidade. Também foi incapaz de romper a dominação dos Estados unidos no comércio de cereais latino americanos ou mesmo garantir uma posição para suas próprias exportações de artigos manufaturados. No início dos anos 70 o desencanto substituiu o anterior otimismo

O progresso econômico se revelou repetidamente incompatível com um governo representativo. A intervenção militar se produzia com crescente frequência, e ao final da década de 70 a Argentina tinha se tornado famosa por sua violência na repressão política. Em meados de 80, os conflitos internos levaram o país a uma desastrosa guerra com a Inglaterra pela posse das Malvinas. Os anos 80 se caracterizaram por uma crescente sensação de confusão frustração e impotência ante a exteriorização dos conflitos derivados tanto das contradições do modelo abandonado como da irracionalidade das políticas implementadas supostamente para resolvê-las. As sucessivas desvalorizações e o caos da última ditadura militar terminaram por liquidar a função da moeda doméstica, e o campo de manobra das políticas das políticas monetária e fiscal. O peso da dívida e a suspensão do apoio financeiro pressionaram sobre o balanço de pagamentos e sobre as contas fiscais; os subsídios indiscriminados, a absorção do endividamento privado, a sustentação de gastos e inversões públicas não produtivas e de demorada maturação, não só influenciaram a política fiscal como construíram um novo quadro de poder econômico onde os setores mais concentrados do capital dispõem de maior espaço para definir o comportamento das variáveis chaves da economia.

Quando ocorre o golpe militar em 76, a dívida externa passou a crescer de forma assustadora. A dívida passou de mais ou menos 7 bilhões para 42 bilhões entre 75 e 83. O que tornou esse endividamento mais perverso é que 85% deste valor foi utilizado para fins especulativos (...) "beneficiou à associação existente entre o capital financeiro internacional e os grupos econômicos da oligarquia". O endividamento argentino foi diferente do Brasileiro, onde a maior parte do endividamento foi ocasionado pelo modelo de desenvolvimento adotado. A situação chegou a um ponto tal que metade dos fundos que a Argentina obteve destinava-se à compra de bens e a outra metade a pagamentos de juros e saídas de capital.

No início do de 89 uma crise cambial inviabilizou o plano de estabilização do governo Alfonsín (Plano Primavera). Como não tinha mais reservas o governo deixou de intervir no mercado cambial, o que fez com o dólar subisse e por consequência a inflação, inflação essa que se transformou em hiperinflação rapidamente. No início dos anos 90 estava claro que a instabilidade instaurada no país estava deteriorando ainda mais a economia. O planos de estabilização apresentavam resultados pouco duradouros, as margens de atuação diminuíram, tanto que em um período de três anos ocorreram duas hiperinflações. A primeira ocorreu um pouco antes da transição dos governos Alfonsín e Menem em meados de 89, chegando a

taxa de inflação mensal de 196% (Julho). Ao longo desses episódios inflacionários, a dolarização da economia avançou substancialmente. A segunda foi no início de 90, após o fracasso do congelamento de preços do chamado Plano Bunge Born - (BB, grupo empresarial que forneceu um grupo de funcionários para formular o plano) quando a taxa de inflação mensal chegou a 95% em março.

Vista em perspectiva, as falidas experiência anteriores dos planos de estabilização da Argentina (desde 1957 a 1989 houveram ao redor de 15 planos de estabilização, e somente na década de 80 podem contabilizar-se ao redor de 7, fracassaram porque não chegaram a questionar profundamente a organização econômica imposta pelo velho modelo. Desde a segunda metade da década de setenta até os anos noventa a Argentina vem suportando um processo de desindustrialização. Embora esta definição não seja clara o suficiente, é difícil encontrar outra que a substitua. Em síntese há na atualidade um perfil menos industrialista que a trinta anos atrás. As análises indicam que ocorreu uma combinação dos fenômenos de desindustrialização: 14% menos indústrias; 10% menos empregos; 30% horas a menos trabalhadas.

A crise na Argentina é uma mostra da contradição que vive o capitalismo Latino Americano. A indústria necessita renovar-se para adequar-se as mudanças ocorridas no mundo. Mas não pode fazê-lo por causa do lastro da dívida externa; que acentuou a perversidade dos mecanismos de valorização financeira do capital; deu lugar a desarticulação produtiva; incremento das atividades agropecuárias tradicionais; a crise do sistema financeiro e a incapacidade da moeda cumprir com suas funções. Sobre essa base é praticamente impossível diagramar um novo circuito acumulativo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Janine S. *Características estruturais do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai: uma análise de base exploratória de indicadores econômicos e sociais*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1992
- BARBEITO, Alberto C. & VUOLO, Rubén M. *La Modernización excluyente. Transformación Económica y Estado de Bienestar en Argentina*.
- UNICEF/CIEPP/LOSADA. 1992 DAMILL, Mário & KEIFMAN, Saúl. *Liberalización del comercio en una Economía de Alta Inflación: Argentina 1989-91*.
- LOPES, Francisco L. *O austral conversível*. Revista de economia política, vol. 11 n 4 (44), outubro-dezembro/1991
- BIRD ( Banco Interamericano de desenvolvimento). *Progreso sócio econômico na América Latina, Relatório de 1988. Parte Especial: Ciência e Tecnologia*. Washington, 1989.
- ROCK, David. *Argentina 1516-1987 Desde la colonización española hasta Alfonsín*. Alianza Editorial, 1989.